

Postos do Calha Norte recebem soldados em fevereiro

Ricardo Arnt

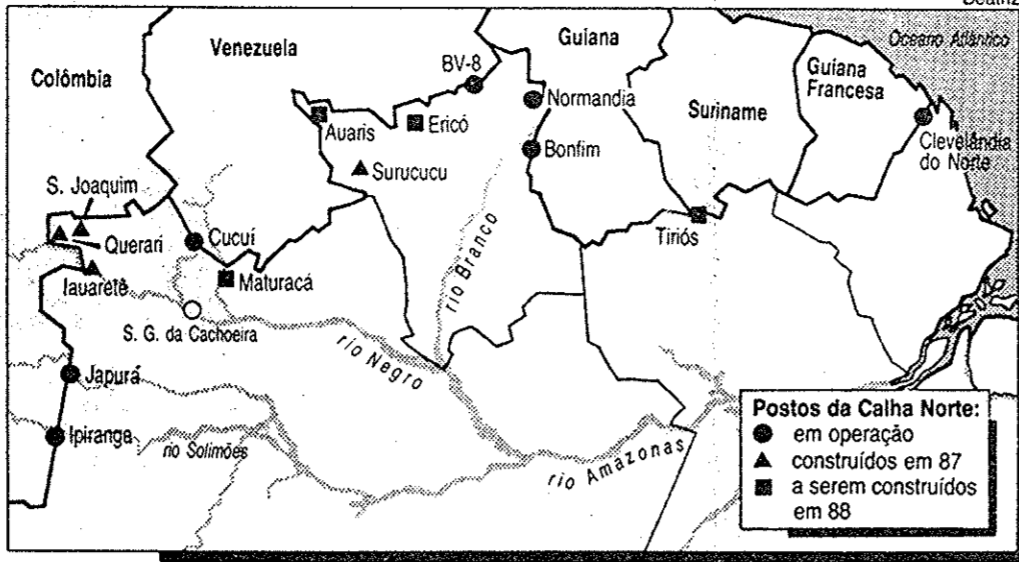
Quatro novos postos militares, insulados na remota fronteira brasileira com a Colômbia e a Venezuela, são a vanguarda do Projeto Calha Norte, depois de um ano de execução. Os quartéis de blocos pré-fabricados de madeira nativa, em Iauaretê, Querari, São Joaquim e Surucucu, estão praticamente prontos para receber, em fevereiro, sua primeira guarnição. De cada um desses núcleos e das comunidades em volta deles, espera-se que a colonização do norte-nordeste amazônico se irradie. Para quem os visita hoje, parece esperar-se muito.

O Conselho de Segurança Nacional, através do Estado-Maior do Exército, repassou ao Comando Militar da Amazônia, em 1986 e 1987, CZ\$ 321,9 milhões para a construção dos quatro novos pelotões de fronteira. Mas também o IBDF, a Cobal, a Sudepe, a Sucam, a Sema, a Embrapa, a Polícia Federal e várias repartições da administração federal e ministérios estão recebendo verbas do Calha Norte. A Funai em São Gabriel da Cachoeira, por exemplo, que em 1986 mantinha dois postos indígenas na região da Cabeça do Cachorro (Iauaretê e Maturacá), recebeu CZ\$ 3,17 milhões em 87 — e está reivindicando mais CZ\$ 6,5 milhões — para instalar mais 10 postos na região em 1988.

Festa — O Calha Norte já tem o seu primeiro plano de desenvolvimento. O Subprojeto Pari-Cachoeira estabelecerá, no município de São Gabriel da Cachoeira, três colônias indígenas de 320 mil, 150 mil e 10 mil hectares, e duas florestas nacionais, de 18 mil e 654 mil hectares. O plano prevê investimentos para a reforma e a construção de escolas, hospitais, barcos sanitários, centrais de abastecimento, rede de esgotos, nivelamento de rios para a extensão e a perenização da navegação, projetos agrícolas, criação de peixes, pecuária confinada, geradores, bancos, pontes, estradas e represas. No papel, impressiona.

Para os 20 mil habitantes do município de São Gabriel da Cachoeira — uma área duas vezes o tamanho do Estado do Rio de Janeiro — o Calha Norte apresenta uma inofensiva virtude: trará recursos. Deve ser por isso que os índios tucanos de Iauaretê — que hegemonomizam os 17 povos indígenas da região — receberam o general Hyran Ribeiro Arnt, comandante militar da Amazônia, e o vice-governador do Amazonas, Vivaldo Frota, com festas, no dia 12 deste mês.

Mas, se para os índios aculturados de Iauaretê, Querari e São Joaquim a Calha Norte abre melhores perspectivas, para os ianomânis de Surucucu, em Roraima, não se sabe o que abre. Ali, 70 soldados, cabos, sargentos e cinco tenentes vão ser instalados num território habitado por 3 mil e 500 índios, no coração de uma sociedade que manteve intacta sua cultura até hoje.



Iauaretê (AM) — Ricardo Arnt



O vice-governador, o comandante Hyran e o líder tucano Fernando

Surucucu, a invasão da civilização

Em Surucucu só se chega de avião. A pista de aterrissagem, num estreito platô, foi gramada para sustentar a erosão. Os búfalos da FAB trouxeram 26 operários, um tenente, sete soldados e 350 toneladas peças pré-fabricadas de madeira para o quartel do Calha Norte. Os sete pavilhões já estão prontos. Cinco casas para oficiais estão sendo levantadas. Do outro lado da pista, o posto da Funai e duas malocas com 60 índios ianomânis contemplam o movimento. Foi a Funai que assentou os índios no platô, para marcar presença, depois de uma tumultuada invasão de garimpeiros, em 1975. A distância variáveis há 3 mil e 500 índios na área.

O imenso território ocupado por 8 mil ianomânis, que, no Brasil, vai do noroeste do Amazonas até o norte de Roraima (há mais 8 mil na Venezuela) já foi invadido um sem número de vezes. Há muito ouro nos rios da montanha. Não há como segurar os garimpeiros. Índios e garimpeiros transam, na floresta, um comércio que vai desde espingardas e quinquilharias até micróbios que podem dizimar grupos inteiros. As vezes, entram em choque. No último dia 15 de agosto, morreram quatro ianomânis e um garimpeiro num conflito no garimpo do rio Apiaú. O exército e a Polícia Federal retiraram 250 garimpeiros da área no dia 2 de outubro. Mas eles já voltaram. Os dois helicópteros da FAB que apoiavam a opera-

ção deram pane e ela foi suspensa. As invasões continuam.

A maior parte dos grupos ianomânis conserva intacta a sua civilização selvagem. Os de Surucucu, nus e em algazarra, fornecem uma *anti-visão* da longa e louca civilização dos brancos. Eles têm poucas defesas contra ela. Até agora, não houve maiores problemas entre os índios e os soldados. Os ianomânis adoraram as estacas vermelhas que sinalizavam as edificações e as roubaram. Também *deram uma geral* no barracão de ferramentas e levaram tudo. Mas o general Arnt, comandante Militar da Amazônia, está preocupado com a convivência entre soldados isolados e índios: "Vamos ter problemas. Vai haver choque entre as duas culturas. Vou insistir para que o meu sucessor no Comando prepare orientações específicas para o pelotão das Normas de Conduta dos Elementos da Fronteira. Vamos precisar da ajuda da Funai. Na verdade, o problema é dela, não nosso. O comandante do pelotão tem de ser um homem de muito bom senso. Precisa ter um certo dom de antropólogo".

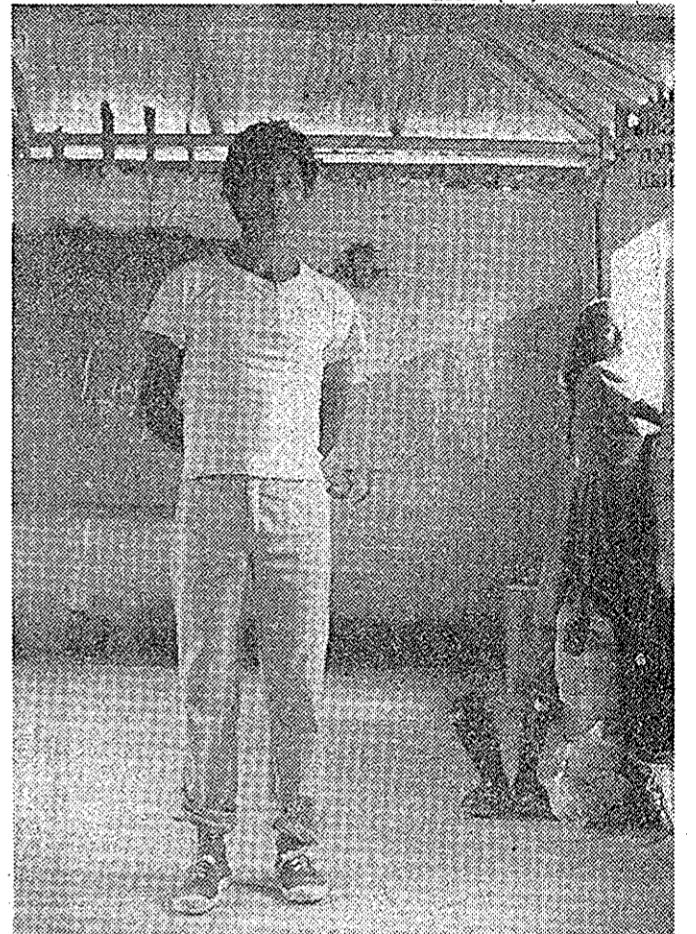
O destino dos ianomânis inquieta o general: "A Funai está em Surucucu há 10 anos, mas não preparou os índios para o contato inevitável. Colocar o índio numa redoma, intocável, é um equívoco. No contato com os brancos, o índio tem sempre levado a pior." Para o comandante da Amazônia, urge demarcar as terras indígenas: "Quando se demarcam as terras, os problemas diminuem abruptamente. Tenho sustentado que é urgente e necessário demarcar as terras dos ianomânis. É preciso que se chegue a um acordo entre as várias propostas existentes."

Querari só sabe do mundo pelo Búfalo

Querari. Sessenta índios cubens, 10 casas, um tapiri, um tenente e oito soldados. Um quartel em construção. A outra margem do rio é a Colômbia. O rio Uaupés só permite ligação com Iauaretê na seca, em pequenas lanchas a motor, as *voadeiras*. Impossível transportar carga. Cada módulo dos pavilhões do futuro 2º Batalhão Especial de Fronteira veio de avião, de São Gabriel da Cachoeira. Os búfalos da FAB são a mais sólida imagem do Brasil. Mas nem sempre a pista permite a aterrissagem.

Querari entrou em transe com a visita do vice-governador do estado e o comandante da Amazônia. No tapiri enfeitado com bandeirinhas de papel, o chão de terra riscado pela última varrida, as crianças saudaram os visitantes cantando em trêmulo português: "oh, que coisa linda é a vida/ quando nela existe amor/ canta, juventude, canta/ porque nela existe ardor". Houve distribuição de presentes, hinos e discursos.

Manuel Vicente Saldanha, 32 anos, parecia o único não constrangido na surrealista recepção civilco-indígena às autoridades. Foi ele quem articulou tudo. Manuel é o professor. Todo dia ele vem de Açaí, uma aldeia a uma hora rio abaixo, dar aulas para as crianças. "Se cansa?"



O índio-professor numa escola sem cadeiras

Iauaretê, os tucanos na idade do vídeo

O terreno ocupado por sete famílias na Vila São Domingos Sávio, em Iauaretê, era o único capaz de acolher as instalações do futuro 1º Batalhão da 5ª Companhia Especial de Fronteira ao abrigo das cheias do rio Uaupés. O Comando Militar da Amazônia fez um acordo com os tucanos, sacramentado na Ata de Iauaretê (18/9/86): construiu uma casa nova para cada família, de material e não de adobe, no lugar por elas escolhido.

Cada chefe de família recebeu os materiais de construção e CZ\$ 350 por semana para ser seu próprio pedreiro, salário equivalente ao de um operário da Comissão Regional de Obras do Exército, em Manaus. Fernando Gomes de Araújo, 31, pai de duas filhas e líder da vila, deu-se ainda melhor: ficou com as amplas dependências do antigo destacamento militar para si. O Exército doou o tapiri do destacamento (cabana de teto de palha sem paredes) para as reuniões da comunidade.

Os tucanos estão na idade do vídeo. Quando a missão Salesiana que os enquadrara chegou à região, em 1920, eles já tinham se imposto às demais nações indígenas vizinhas. Os macus chegaram a

ser reduzidos à escravidão. Hoje, os tucanos fazem filmes de apoio ao Calha Norte na TV e negociam diretamente com o Conselho de Segurança Nacional. Tradicionais mediadores políticos que reivindicam a tutela sobre os índios no Brasil não sabem o que dizer a respeito.

A hegemonia sofisticou-se. O líder tucano Carlos Machado dirige a Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro, que congrega 480 chefes da região, preside a União das Comunidades Indígenas do Rio Tiquié e é diretor-geral do garimpo da cooperativa indígena da serra do Traira (15 quilos de ouro por mês) concorrente, mas eventual aliado, da Mineração Taboca, do grupo Paranapanema. Seu irmão, Pedro Machado, é o Superintendente da Funai de São Gabriel da Cachoeira. Outro irmão, Benedito Machado, é assessor do Superintendente da Funai do Amazonas, Sebastião Amancio. Os Machado não estão lá párra brincadeira.

Os tucanos aceitaram a retaliação das suas terras, outrora contínuas, em Pari-Cachoeira, porque, além do monopólio da mineração, da exploração da madeira e da agropecuária nas três *Colônias Indígenas*, que agora serão demarcadas, esperam obter, também, o monopólio da exploração dos recursos naturais das duas *Florestas Nacionais* próximas. Sem contar o usufruto dos benefícios que o projeto Calha Norte promete à região.

São Joaquim (AM) — Ricardo Arnt

São Joaquim tem ouro e terra arenosa

— Aqui, todo mundo tem um pouquinho de ouro escondido — diz Bemvindo Gamemha da Costa, 31, chefe do posto da Funai de São Joaquim. Não parece. São Joaquim é esquelética. A terra dos índios curripacos é seca e arenosa. Boa para abacaxi, péssima para abóbora ou milho. "Tentamos fazer uma roça e deu três pezinhos tortos".

Os 120 moradores do lugar — há 1 mil e 100 curripacos em 15 aldeias próximas — sofrem a falta de tudo. "Falta comida, principalmente. O peixe é difícil. A caça é pouca, viado, paca, cotia. Tivemos uma gripe forte e não tinha xarope nem nada. Teve malária e não tinha remédio", queixa-se Bemvindo. O posto da Funai, que foi reformado e reaberto há seis meses, agora vai ganhar um rádio.

De barco, de São Joaquim não se vai longe. É difícil pegar uma carona na FAB, de 15 em 15 dias, até São Gabriel da Cachoeira. Voltar de lá é outra fábula. Mas em 20 minutos de canoa vai-se até Ponta Tigre, na Colômbia, e pega-se uma *avioneta* comercial até a cidade colombiana de Mitu. A passagem custa 30 mil pesos, 3 mil cruzados. "Hay que tener oro". As línguas mais faladas em São Joaquim são, pela ordem, curripaco, espanhol e português.

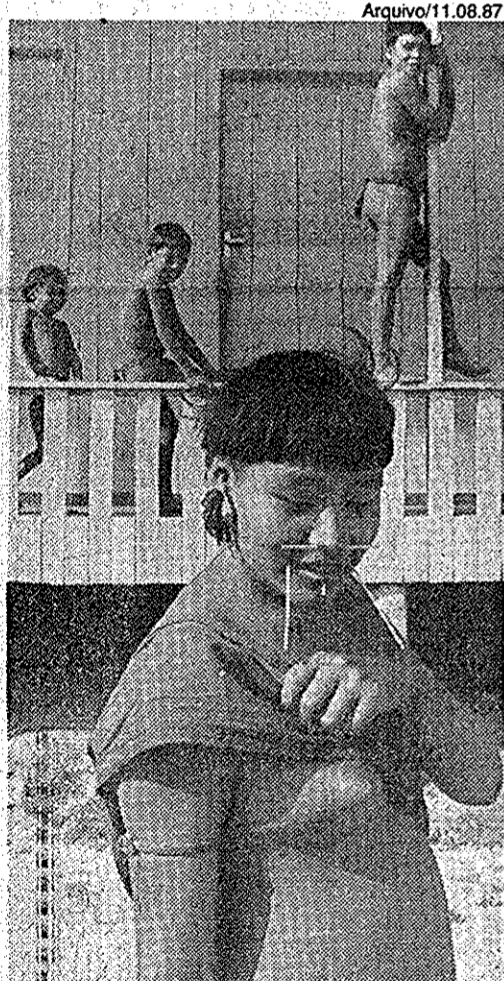
Os curripacos estão de olho nos soldados que irão ocupar as dependências do 3º Batalhão Especial de Fronteira. Querem sal, sabão, facões e outros bens difíceis e valiosos. Terão muitas novidades. Dois dos sete pavilhões dos novos postos do Calha



Quartel-padrão é montado na selva com módulos de madeira

Norte têm destinação social. O pavilhão *comunitário* tem duas salas de aula e uma biblioteca. E no pavilhão de *terceiros* há lugar para uma agência bancária, um armazém da Cobal, uma agência da Polícia Federal, da Receita Federal, do Correio e da Funai. Cada funcionário desses órgãos dispõe de um pequeno apartamento de solteiro, contíguo às salas. Restará saber quem vai encerrar São Joaquim.

Os curripacos se dão bem com os soldados, com o pastor boliviano Ernesto, das missões Novas Tribos, que os converteu ao protestantismo, com a Funai e com trahecentes. Em novembro de 86, o Exército fechou o garimpo ilegal de Matapi, a oito horas de *voadeira* de São Joaquim. Duzentos índios e garimpeiros trabalhavam juntos. Em 1985, a Polícia Federal prendeu "um tal de Gustavo" que tinha avião próprio e laboratório de refino de cocaína em Campo Alegre, no rio Cuairi. Os índios que limpavam a pista. "Prenderam ele e levaram para Manaus. Mas ele já está de volta por aí", diz Bemvindo.



Índia ianomâni muito primitiva vai conviver com a civilização

Arquivo/11.08.87